

## PRÁTICAS MEDIÁTICAS, RISCOS E DANOS. RELAÇÕES EM REDE EM CABO VERDE, ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Paula Lopes, Jaime Lourenço  
 Texto entregue em Novembro de 2021

EM SOCIEDADES AMPLAMENTE MEDIA-TIZADAS, globalizadas, fragmentadas e complexas, pontuadas pela contínua mudança e pela incerteza (e risco), jovens de várias latitudes partilham uma “cultura-mundo” (Lipovetsky & Serroy, 2010). Em comum, a dependência de ecrãs, a utilização (muitas vezes, excessiva e ininterrupta) de tecnologias digitais, a presença em redes sociais *online*, a escassez de tempo e de atenção, a hiperatividade e, porque não assumi-lo, alguma desumanização pela inexistência de relação com o “outro”, pela ausência de empatia. Os denominados “nativos digitais” (conceito que tem vindo a ser desmontado e a ruir, como se de um puzzle se tratasse), mitificados como a geração mais informada e competente de sempre, mais ativa e criativa, revelam, quando objeto de análise empírica, uma profunda crise cultural: a sua relação com a tecnologia é, na verdade, limitada e essa limitação diz respeito aos seus conhecimentos, às suas práticas, aos seus consumos, aos dados que disponibilizam, aos riscos e danos que, sem terem qualquer controlo, acabam por correr. Em rigor, estamos a assistir a um retrocesso civilizacional. Num ensaio recente, galardoado com o Prémio Femina (França, 2021), o neurocientista Michel Desmurget apelida-os de “cretinos digitais”: os primeiros jovens a terem um QI inferior ao dos seus pais por culpa da exposição excessiva a ecrãs. Em entrevista ao jornal *Público*<sup>1</sup>, o autor remata, em jeito de provocação: “[as escolas] só fazem ‘educação para os *media*’ (...) Que m... é essa?” Perguntamos nós, mesmo já adivinhando a resposta: mas será que a escola faz, de facto, educação para os *media*? Ou não passará de uma ideia demagógica, mas muito popular na atualidade? A resposta é, claramente, não. A educação para os *media* nas escolas (seja em Portugal, em Cabo Verde, Angola ou Moçambique) está, ainda, numa fase seminal.

### Procedimentos metodológicos e amostra

A investigação que aqui apresentamos teve por base uma metodologia quantitativa-extensiva,

com aplicação de um inquérito por questionário totalizando 27 questões, agrupadas nos seguintes blocos temáticos: dados sociodemográficos e de contexto familiar; práticas mediáticas e digitais; riscos e vulnerabilidades no mundo digital.

“  
 Sejamos responsáveis. O futuro passa pelo digital, será cada vez mais imersivo e as novas gerações terão de deixar de ser olhadas como “cretinos digitais”. Formemos cidadãos ativos, participativos, críticos e competentes. Ou o deslumbramento tecnológico potenciará uma crise cultural sem precedentes.”

Este instrumento metodológico foi desenvolvido por um grupo de investigadores do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa, a partir do cruzamento de diversas fontes de informação. As mais importantes foram o inquérito europeu EU Kids Online e diversos estudos da responsabilidade do britânico Office of Communications (Ofcom), do português Observatório da Comunicação (OberCom) e da ONG brasileira SaferNet.

A operacionalização envolveu alunos da Universidade de Cabo Verde (coordenação local: Professor João Paulo Madeira), da Escola Superior de Ciências da Educação de Huíla, Angola (coordenação local: Professor Hélder Bahu) e da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique (coordenação local: Professor João Miguel). Em Cabo Verde, foram validados 349 inquéritos (sexo feminino:

52,7%; idade média: 21 anos) e o trabalho de campo decorreu em 2018. Em Angola, validaram-se 1.715 inquéritos por questionário (sexo masculino: 52,1%; idade média: 17 anos) e a recolha de dados ocorreu em 2019. Já em Moçambique, foram validados 175 inquéritos (sexo feminino: 58,6%; idade média: 23 anos), tendo a coleta de informação decorrido em 2019-2020.

### Práticas mediáticas em rede: cibergeografias (quase) miméticas

As práticas mediáticas digitais foram aqui operacionalizadas pela conjugação de um conjunto de indicadores que permitiram fornecer informação caracterizável por uma baixa serendipidade. Em rigor, parece existir um efeito mimético em grande parte das respostas dos jovens inquiridos. Em Cabo Verde, quase 82% dos inquiridos dizem aceder à Internet todos os dias, utilizando para tal um telemóvel (86,8%); em Angola, a frequência diária de navegação na Internet ronda os 62%, sendo o telemóvel o dispositivo tecnológico mais vezes identificado para o fazerem (89%); em Moçambique, a frequência de navegação na Internet sobe para os 88,8% e a utilização do telemóvel para cerca de 91%. O mesmo se passa quanto à frequência com que, todos os dias, são realizadas determinadas práticas digitais: nos três países, a resposta mais vezes assinalada é uma e não surpreende – “participo em redes sociais”. Sem surpresa, numa questão aberta que averiguava qual o *site* mais visitado pelos respondentes: *in Google we trust!* No entanto, sublinhe-se que uma das questões centrais deste trabalho passava por indagar que práticas estes alunos priorizam quando navegam na Internet (questão de resposta múltipla com mais de vinte indicações/possibilidades). E aí as respostas mudam (ver Tabela 1).

TABELA 1 – TOP 3 DAS ATIVIDADES ONLINE MAIS ASSINALADAS

Cabo Verde	Procurar informação para trabalho escolar	50,1%
	Procurar informação que me interessa	46,1%
	Enviar e receber emails	44,4%
Angola	Participar em redes sociais	58,7%
	Procurar informação para trabalho escolar	35,9%
	Ver vídeos/séries/filmes online	34,5%
Moçambique	Procurar informação que me interessa	54,9%
	Procurar informação para trabalho escolar	53,1%
	Participar nas redes sociais	43,4%

Fonte: NIPCOM, Cabo Verde n=349; Angola n=1715; Moçambique n=175.

O Núcleo de Investigação em Práticas e Competências Mediáticas (NIP-C@M), unidade do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa, tem vindo a desenvolver projetos de investigação no âmbito da educação para os *media*/literacia mediática, em particular das práticas e competências mediáticas digitais e da desordem informacional no contexto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, incentivando o debate académico no seio da licenciatura em Ciências da Comunicação, do mestrado em Comunicação Aplicada e do doutoramento em Media e Sociedade no Contexto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. O estudo seminal que inaugurou o núcleo, resultado de uma parceria entre a UAL e a DECO, ocorreu em Portugal Continental e envolveu 1814 alunos dos ensinos Básico (3º ciclo), Secundário e Profissional, a frequentarem escolas numa das 18 capitais de distrito, nos anos letivos 2013-2014 e 2014-2015. A investigação, tendo por base o mesmo instrumento metodológico, foi replicada em Cabo Verde, Angola e Moçambique.



**TABELA 2 – TOP 3 DOS RISCOS E DANOS CONHECIDOS VIVIDOS POR FAMILIARES/COLEGAS/AMIGOS**

Cabo Verde	Enviaram-lhes imagens ou conteúdos eróticos ou pornográficos (ex.: pessoas despidas ou partes íntimas do corpo)	73,1%
	Encontraram-se pessoalmente com alguém que conheceram na Internet	64,8%
	Enviaram-lhes imagens ou conteúdos violentos	51,3%
Angola	Encontraram-se pessoalmente com alguém que conheceram na Internet	72,5%
	Enviaram-lhes imagens ou conteúdos eróticos ou pornográficos (ex.: pessoas despidas ou partes íntimas do corpo)	68,0%
	Roubaram-lhes o perfil nas redes sociais (alguém se fez passar pelos seus amigos)	59,4%
Moçambique	Encontraram-se pessoalmente com alguém que conheceram na Internet	68,3%
	Enviaram-lhes imagens ou conteúdos eróticos ou pornográficos (ex.: pessoas despidas ou partes íntimas do corpo)	66,2%
	Enviaram-lhes imagens ou conteúdos violentos	54,8%

Fonte: NIPCOM, Cabo Verde n=349; Angola n=1715; Moçambique n=175.

**TABELA 3 – TOP 3 DOS RISCOS VIVIDOS PELOS PRÓPRIOS INQUIRIDOS**

Cabo Verde	Encontraste, sem querer, imagens ou conteúdos eróticos ou pornográficos (ex.: pessoas despidas ou partes íntimas do corpo)	64,5%
	Convidaram-te para conversar em privado nas redes sociais ou num chat	55,6%
	Encontraste-te pessoalmente com alguém que conhecestes na Internet	50,4%
Angola	Convidaram-te para conversar em privado nas redes sociais ou num chat	74,9%
	Encontraste, sem querer, imagens ou conteúdos eróticos ou pornográficos (ex.: pessoas despidas ou partes íntimas do corpo)	71,2%
	Encontraste, sem querer, imagens ou conteúdos violentos	66,7%
Moçambique	Convidaram-te para conversar em privado nas redes sociais ou num chat	66,7%
	Encontraste, sem querer, imagens ou conteúdos violentos	55,1%
	Encontraste, sem querer, imagens ou conteúdos eróticos ou pornográficos (ex.: pessoas despidas ou partes íntimas do corpo)	54,8%

Fonte: NIPCOM, Cabo Verde n=349; Angola n=1715; Moçambique n=175.

Provavelmente por serem estudantes e entenderem ser esta a resposta socialmente expectável (a resposta “certa”), a atividade digital “procurar informação para um trabalho escolar” aparece destacada no “Top 3” nos três países, muito embora a “participação em redes sociais” seja, como sublinhado, a principal prática digital (diária) identificada pelos alunos. Registamos com surpresa (e alguma preocupação, sublinhe-se) o número médio de horas que estes jovens assumem estar *online* todos os dias: em Cabo Verde, aproxima-se das seis horas; em Angola, o registo diário por inquirido cifra-se nas treze (13!) horas; e em Moçambique o valor indicado é de aproximadamente cinco horas e meia.

### Riscos e danos: nós e os outros

É urgente perceber o seguinte: quanto mais dados pessoais, “mais informações públicas, profissionais e privadas oferecermos (...) a cada momento e em cada utilização/navegação” (Lopes, 2019: 144) aos gigantes tecnológicos mais nos tornamos vulneráveis, frágeis, permeáveis. Neste particular, os riscos e vulnerabilidades foram operacionalizados pela mobilização de uma bateria de sete indicadores, apontando em duas direções: por um lado, que situações reconheciam os inquiridos, por outro, quais as que assumiam já terem experienciado (ver Tabela 2).

Como expectável, por pudor, embaraço ou receio de desonra, muitos mais foram os alunos que declararam “conhecer casos de...” do que os que admitiram “já ter sido vítima de...” (ver Tabela 3).

Uma nota para a questão do cyberbullying: quando questionados acerca dos riscos vividos pelos seus pares (amigos, conhecidos, colegas, etc), cerca de 50% dos jovens inquiridos nos três países afirmam ter conhecimento (Cabo Verde: 50,4%; Angola: 50,8%; Moçambique: 47,9%), o que contrasta fortemente com as auto-declarações de vivência na primeira pessoa (Cabo Verde: 15,5%; Angola: 27,5%; Moçambique: 22,4%).

As situações identificadas são especialmente preocupantes, sobretudo quando pensamos em jovens, muitos deles menores. Preocupante é também a enorme quantidade de dados (alguns bastante sensíveis) que disponibilizam nas redes e a forma como o fazem, sem qualquer preocupação com questões de privacidade e de proteção (mínima) de dados. As tecnológicas agradecem. Em Cabo Verde, a maioria dos inquiridos (quase 50%) afirma que tudo o que publica é “público”: fotografias do próprio (77,9%), nome verdadeiro (56,2%), idade verdadeira (45%), morada de casa (22,3%) ou número de telemóvel (19,8%). Em Angola, o cenário é semelhante: 59,7% assumem que tudo o que publicam é explicitamente “público”: fotografias do próprio (79,6%), nome verdadeiro (51,6%),

idade verdadeira (36,7%), morada de casa (24,8%) ou número de telemóvel (33,3%). Já em Moçambique, a questão das definições de privacidade é mais sensível. Embora o número dos jovens que têm o seu perfil “público” seja ligeiramente inferior (cerca de 35%), os dados disponibilizados nas redes, em rede, mantêm-se alarmantes: fotografias do próprio (68,6%), nome verdadeiro (54,3%), idade verdadeira (41,1%), morada de casa (18,3%) ou número de telemóvel (25,1%).

Em jeito de provocação, regressemos ao início: Educação para os media, nomeadamente digitais, nas escolas? Demagogia pura, projetos de milhões de euros/dólares com concursos viciados à partida, ensino-aprendizagem irresponsável e, amiúde, malsucedido, fracassado. Os números existem e provam-no, como assinalámos neste texto. Sejam responsáveis. O futuro passa pelo digital, será cada vez mais imersivo e as novas gerações terão de deixar de ser olhadas como “cretinos digitais”. Formemos cidadãos ativos, participativos, críticos e competentes. Ou o deslumbramento tecnológico potenciará uma crise cultural sem precedentes. ■

### Notas

<sup>1</sup> “O tempo de ecrã de crianças até aos seis anos devia ser nenhum. Zero” in *Público* (07/11/2021). Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/11/07/imp/entrevista/michel-desmurget-tempo-ecra-criancas-ate-seis-anos-zero-1983545>. Consultado em 10/11/2021.

### Referências

- Desmurget, M. (2021). *A Fábrica de Cretinos Digitais. Os perigos dos ecrãs para os nossos filhos*. Contraponto.
- Lipovetsky, G. e Serroy, J. (2010). *A Cultura-Mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*. Edições 70.
- Lopes, P. (2019). Mentiras, pegadas e algoritmos: da necessidade de uma educação para os media. In Lopes, P. & Reis, B. (2019). *Comunicação Digital. Media, Práticas e Consumos*. NIP-C@M/Universidade Autónoma de Lisboa
- Miguel, J. et al. (2021). *Práticas, Consumos e Riscos Digitais dos Jovens Estudantes Moçambicanos*. NIP-C@M/Universidade Autónoma de Lisboa.
- Reis, B. et al. (2019). *Direitos Digitais. Práticas e riscos de estudantes universitários do ensino público de Cabo Verde*. NIP-C@M/Universidade Autónoma de Lisboa.
- Reis, B. et al. (2020). *Práticas, Consumos e Riscos Digitais dos Jovens Estudantes Angolanos*. NIP-C@M/Universidade Autónoma de Lisboa.